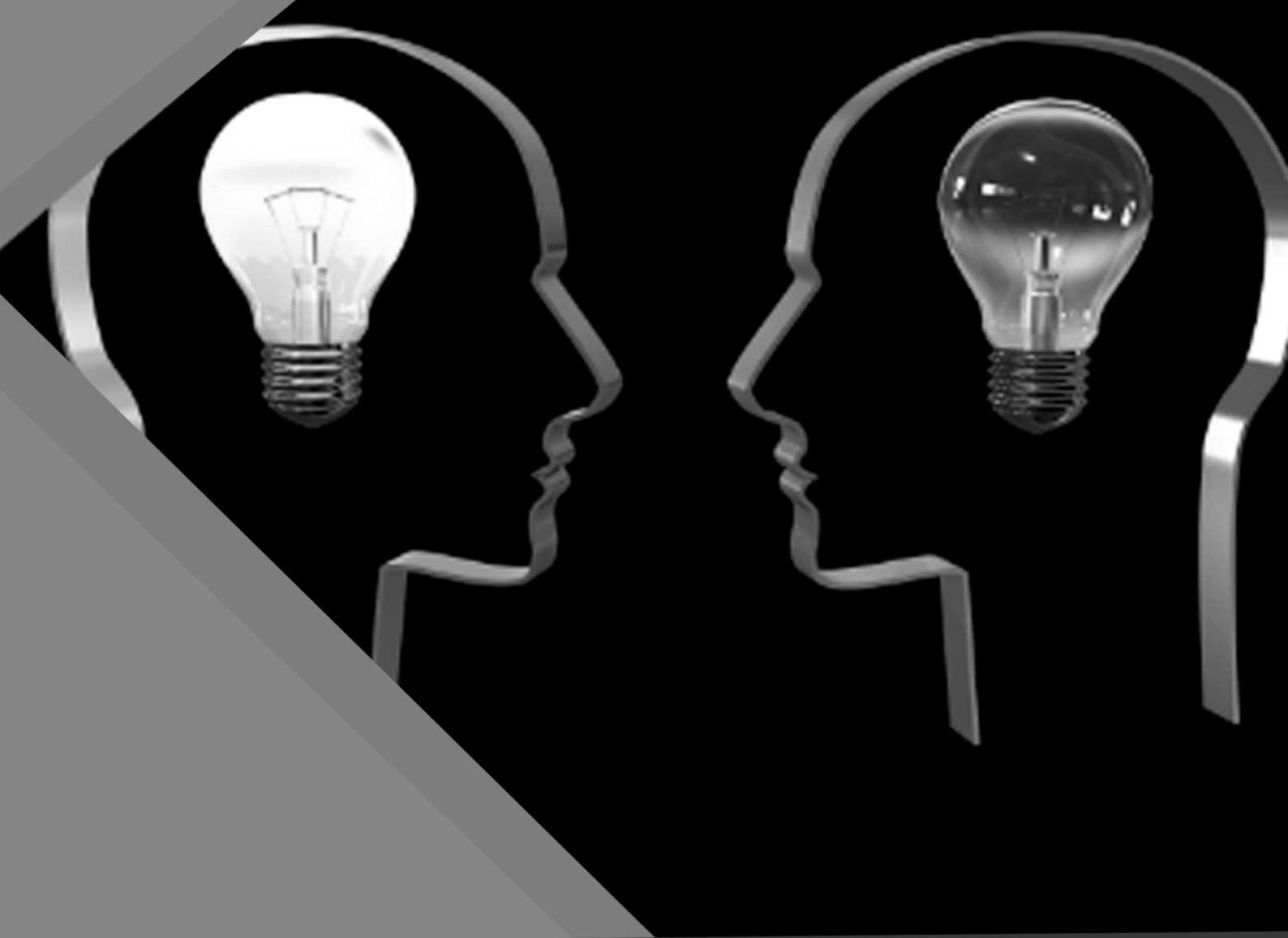




Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

Atena
Editora
Ano 2020



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

ados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D611	<p>Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do E. Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-128-2 DOI 10.22533/at.ed.282202306</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Santo, Janaína de Paula do E.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas se constitui em uma coletânea de artigos preocupada em apresentar e discutir a miríade de possibilidades das humanidades enquanto área de conhecimento. A interdisciplinariedade tem sido uma busca e um alvo constante nas discussões da área, e do processo de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento. Isso está presente na formação da palavra, composta pelo prefixo inter, ou seja, dentro, entre, e a palavra disciplinar, que marca, o sentido pedagógico de um campo ou de uma área de pesquisa. Reconhecer as ciências humanas como um espaço plural e em constante diálogo tem sido um dos desafios dos últimos tempos. Trata-se de um processo dinâmico, que busca a compreensão ampliada dos diferentes saberes.

Neste sentido evocamos a noção de interdisciplinaridade de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) que chamam a atenção para o aspecto de síntese do conceito, e a possibilidade de abarcar, em diálogo, duas ou mais disciplinas, constituindo um discurso em diferentes níveis, que são caracterizados por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais, nos diversos campos científicos. Ainda neste sentido, mas em um olhar ainda mais abrangente, Lück (1999) aponta que a interdisciplinaridade é um processo que envolve a integração e o engajamento de pesquisadores, num trabalho conjunto. Essa interação visa, especialmente se contrapor à fragmentação do conhecimento em um empenho para alcançar um ambiente de saberes cidadãos, de uma visão mais ampla de mundo, do enfrentamento de problemas complexos, do conhecimento amplo como uma ferramenta de interpretação da realidade, e por consequência, da construção de amplitude nos processos de olhar o mundo.

Há que se caminhar, cada vez mais para a visão de um conhecimento circular e dinâmico, constitutivo e dialógico, de formação de sentidos para a experiência no mundo, no tempo e no espaço, que fortaleçam, demonstrem e explorem, cada dia mais, o impacto da percepção humana no processo de absorção do conhecimento (ou seja, o modo de ver, classificar e elaborar) para além da ideia de uma ferramenta de análise, mas, muito especialmente, como uma forma de estimular o pensamento. Um canal de formação de sentidos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA PRÁXIS EXTENSIONISTA – INDICADORES DE AUTOGESTÃO NA INCUBAÇÃO DO <i>NÚCLEO DE PRODUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BEM DA TERRA/RS</i>	
Tiago de Garcia Nunes Samantha Vieira Zschornack Diego Rodrigues Gonçalves Solaine Gotardo	
DOI 10.22533/at.ed.2822023061	
CAPÍTULO 2	13
CAMELÔS E PREFEITURA MUNICIPAL: TERRITORIALIDADES E CONFLITOS NO CENTRO COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.2822023062	
CAPÍTULO 3	26
SOBRE DUALISMOS E COMPLEMENTARIDADES: NA CIÊNCIA, A FLUIDEZ EM PERSPECTIVA	
Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023063	
CAPÍTULO 4	45
AS CATEGORIAS: REGIÃO, COMUNIDADE E TRADICIONAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO GRUPO SOCIAL DE CANABRAVA	
Letícia Aparecida Rocha Edivaldo Ferreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023064	
CAPÍTULO 5	59
A MEDIAÇÃO COMO MÉTODO ADEQUADO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA SEARA FUNDIÁRIA NA AMAZÔNIA	
Jessyca Fonseca Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2822023065	
CAPÍTULO 6	71
A MISSÃO FRANCESA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS <i>ANNALES</i> NO BRASIL NOS ANOS 30	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.2822023066	
CAPÍTULO 7	88
A REVOLTA NOBILIÁRIA DE 1272/1273 NA CRÔNICA DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Luiz Augusto Oliveira Ribeiro Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.2822023067	

CAPÍTULO 8	100
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIÁLOGOS EMANCIPATÓRIOS EM PODCAST E VIDEO	
Vera Borges de Sá	
Isabelle Barbosa da Silva	
Julianne Ferreira de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.2822023068	
CAPÍTULO 9	111
IDENTIDADE E DIFERENÇA: NOTAS INTERDISCIPLINARES PARA A PESQUISA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS	
Diana Cibele de Assis Ferreira	
Halda Simões Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822023069	
CAPÍTULO 10	121
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGENDA SOCIAL QUILOMBOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS	
César Augusto Fernandes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230610	
CAPÍTULO 11	136
INVESTIGAÇÃO DO DIMORFISMO SEXUAL EM ESQUELETOS HUMANOS ATRAVÉS DA MEDIÇÃO DOS OSSOS DO QUADRIL	
Ellen Mayara Lima Silva	
Marcela Martins da Silva Nascimento	
Taciana Rocha dos Santos	
Carolina Peixoto Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.28220230611	
CAPÍTULO 12	143
O ETERNO RETORNO DOS MORTOS E DEUSES: UMA LEITURA DO CONCEITO EM <i>ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAI</i> S	
Maria Carolina Moreira Moracci	
DOI 10.22533/at.ed.28220230612	
CAPÍTULO 13	154
LEIBNIZ: UM HOMEM A FRENTE DE SEU TEMPO, FILÓSOFO, MATEMÁTICO E CRISTÃO ECUMENICO	
Izaías Geraldo de Andrade	
Maria das Dores Andrade de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.28220230613	
CAPÍTULO 14	167
MEMÓRIA COLETIVA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	
Leila Sala Prates Ferreira	
Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.28220230614	

CAPÍTULO 15	176
MIGRAÇÕES E MOBILIZAÇÃO PARA O TRABALHO NA HISTÓRIA DA MODERNIZAÇÃO Allan Rodrigo de Campos Silva DOI 10.22533/at.ed.28220230615	
CAPÍTULO 16	189
MULTIDIMENSÃO DAS DEMÊNCIAS EM IDOSOS Márcia de Oliveira Siqueira Leonardo Saraiva Lia Mara Wibelinger DOI 10.22533/at.ed.28220230616	
CAPÍTULO 17	198
OS EFEITOS DO CONSUMISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: O DESCARTE DO OUTRO NA MODERNIDADE LÍQUIDA Matheus Luiz de Souza Céfaló DOI 10.22533/at.ed.28220230617	
CAPÍTULO 18	214
PARADIGMAS DE DESENVOLVIMENTO NA ERA DO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA: AS MUTAÇÕES DO CAPITALISMO E O PAPEL DA CRÍTICA Natália Sant Anna Torres DOI 10.22533/at.ed.28220230618	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

O ETERNO RETORNO DOS MORTOS E DEUSES: UMA LEITURA DO CONCEITO EM *ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAIS*

Data de aceite: 17/06/2020

Data de submissão: 19/03/2020

Maria Carolina Moreira Moracci

Universidade de São Paulo, Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Departamento de Antropologia
São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/4374748781007534>

RESUMO: O presente artigo¹ se propõe a trazer a leitura de Gilles Deleuze sobre o conceito de eterno retorno de Nietzsche para a questão da morte entre os Araweté, a partir da obra *Araweté: os deuses canibais* (1986) de Eduardo Viveiros de Castro. A fim de traçar uma linha reflexiva entre a filosofia de Gilles Deleuze com uma filosofia indígena, a pesquisa foi desenvolvida com base em uma bibliografia selecionada dos autores mencionados e teve como intuito pensar em termos que resvalam entre ontologias distintas, mas precisamente, de analisar de que maneira conceitos deleuzianos se conectam com conceitos ameríndios.

PALAVRAS-CHAVE: eterno retorno, Araweté, Viveiros de Castro, Deleuze.

ETERNAL RECURRENCE OF THE
DEADS AND GODS: A READING OF THE
CONCEPT IN *FROM THE ENEMY'S POINT
OF VIEW*

ABSTRACT: This paper presents a result from an earlier research that proposes to bring Gilles Deleuze's definition of eternal recurrence in Nietzsche to the issue of the death among the Araweté through *From the Enemy's Point of View* (1986) by Eduardo Viveiros de Castro. In order to draw a reflexive line between the philosophy of Gilles Deleuze with an indigenous philosophy, the research was developed based on a picked literature and was intended to think in terms that slip from distinguished ontologies, but accurately, of analysing on how Deleuze's concepts are linked to amerindian concepts.

KEYWORDS: eternal recurrence, Araweté, Viveiros de Castro, Deleuze.

1 | INTRODUÇÃO

O texto a seguir será dividido em duas partes principais a fim de esmiuçar os tópicos elementares da cosmologia Araweté a partir da tese de Viveiros de Castro. A primeira será dedicada à leitura de Deleuze sobre o

¹ Resultado parcial de uma pesquisa de iniciação científica realizada em 2017/2018 através do PIBIC com apoio do CNPq.

eterno retorno de Nietzsche; e a segunda na análise do deslocamento do conceito para o caso Araweté na construção da Pessoa, da Morte e do Canibalismo. Esse formato visa articular aspectos que delineiam a cosmologia Araweté e de que maneira seus temas presentes se conectam com a interpretação deleuziana do eterno retorno. Recorremos rapidamente à noção de conceito etnográfico proposta por Marisol de la Cadena² para elucidar como o conceito de eterno retorno opera entre os Araweté. Tal concepção permite a captura de uma realidade outra sob a condição de conceitos que concebem mundos como possibilidades, descrevendo-os e produzindo-os por meio de descrições.

Ao pesquisar os Araweté, Viveiros de Castro direciona seu trabalho na tentativa de compreender sobretudo a concepção de Pessoa, na qual, após sua morte, sua alma é devorada pelos deuses *Mai*, ressuscitam e tornam-se imortais, como os deuses. Tal formulação reúne os principais aspectos da cosmologia Araweté, onde a pessoa tem por destino tornar-se outro, isto é, um devir. Na época em que Viveiros de Castro escreveu sua tese, em 1986, ele dialogava especialmente com as pesquisas feitas durante o projeto Harvard-Brasil Central alguns anos antes. Coordenado por antropólogos como David Maybury-Lewis e Roberto Cardoso de Oliveira, o projeto pesquisava povos do Brasil Central, tais como os Jê, procurando ressaltar sobretudo o sistema de metades. É possível encontrar entre os Jê-Bororo o máximo do “conservadorismo sociológico” no que diz respeito aos princípios de oposição que os caracterizam. A Pessoa nesse sistema é pensada de modo dual e construída a partir de um ligeiro desdobramento da divisão entre Natureza e Cultura, Devir e Ser, Indivíduo e Personagem. Tais sociedades apresentam um formato social aparentemente adequado de ser lido através das concepções estruturalistas, pois sua lógica dialética precisa é ideal para as operações efetuadas pela antropologia estrutural³. Entre os Tupi-Guarani não seria possível encontrar esses aspectos. Suas propriedades sociológicas aparentemente frouxas e suas fronteiras fluidas exigem que novas ferramentas analíticas e de reflexão sejam evocadas na tentativa de solucionar alguns problemas teóricos. No que se refere aos Araweté, Viveiros de Castro afirma que os Tupi-Guarani arriscam uma dupla afirmação: o vivo e o morto, o eu e o Outro: “[a] sociedade Araweté não é dialética” (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 29).

A análise feita a seguir se sustenta com base nessa interpretação acerca dos Araweté e propõe refletir sobre os usos de conceitos filosóficos a fim de entender um pensamento outro. Embora a tese do antropólogo seja substancialmente fundamentada em teorias estruturalistas, especialmente no que se refere à mitologia, é com um raciocínio perspicaz que Viveiros de Castro vai alargando esse método analítico ao perceber que o próprio material etnográfico o exige e que, talvez, seja preciso estendê-lo para que seja possível dar conta

²“Natureza incomum: histórias do antrope-cego”, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/2316-901X-rieb-69-00095.pdf>.

³ No entanto, “[a] maior parte dos críticos tendeu a ler a obra de Lévi-Strauss como redução do mundo dinâmico do vivido ao mundo estático das categorias puras e das oposições binárias, em vez de enfatizar aquilo que permite dotar de movimento os princípios e esquemas que encontramos sob a diversidade de fenômenos observados etnograficamente.” Ver mais sobre a discussão das sociedades ameríndias e o dualismo em perpétuo desequilíbrio em SOUZA & FAUSTO, 2004.

da cosmologia Araweté. A chave para tal alargamento está em *Metafísicas Canibais* (2015), onde o autor faz uma leitura “pós-estruturalista” de Lévi-Strauss e, com muita ousadia, traça uma linha de continuidade entre o estruturalismo levistraussiano com a filosofia da diferença de Deleuze. Tal passo foi bastante significativo para entender a cosmologia Araweté, uma vez que essa sociedade tupi é movida pelo devir. Ainda, é fundamental esclarecer que a inserção desse conceito filosófico foi feita para pensar termos indígenas que, segundo o autor, os próprios dados etnográficos o exigiram na intenção de elucidar um mundo que não é o dele, mas dos Araweté.

2 | UMA LEITURA DO ETERNO RETORNO NIETZSCHEANO

A seguir pretendo expor brevemente o conceito de eterno retorno para Gilles Deleuze, a partir de sua monografia sobre Nietzsche (*Nietzsche e a filosofia*). Deleuze era conhecido pela maneira como “enrabava” os autores, valendo-se do pensamento alheio para responder questões que não estavam abertamente presentes nele. O retrato que Deleuze pinta de Nietzsche em suas monografias (1962, 1965) fornece importantes traços que delineiam seu pensamento, inclusive em sua formulação do conceito de devir a partir da reinterpretação de uns dos principais conceitos nietzscheanos, o Eterno Retorno. A leitura deleuziana de Nietzsche acerca do eterno retorno se dá pela mudança de questão que Nietzsche faz em *O nascimento da Tragédia* (1872) ao substituir a pergunta “a existência culpada é responsável ou não?” por “a existência é culpada ou inocente?”. Tal substituição remete a uma reforma dos valores até então bastante contundentes, o que engendra uma transvaloração que se estende para a afirmação da inocência de tudo o que é: o acaso, a multiplicidade e o devir. Essa interpretação de Deleuze faz o Mesmo se dizer da Diferença que retorna envolvendo a afirmação do acaso (diferença entre todos), do múltiplo (diferença entre um e outro) e do devir (diferença de si mesmo). Aqui o múltiplo já não é capaz de se justificar através do Uno, tampouco o devir do Ser. Tais termos tomam agora um novo rumo: o Uno se diz do múltiplo enquanto múltiplo, fragmentos; e o Ser se diz do devir enquanto devir, diferir-se de si. Essa é a inversão de Nietzsche: devir não é oposto ao Ser nem o múltiplo ao Uno, tais oposições são consideradas como categorias niilistas. Pelo contrário, o Uno do múltiplo e o Ser do devir são afirmados, ou seja, afirma-se a necessidade do acaso. A chave para esse entendimento está na essência do trágico que, segundo Nietzsche, encontra-se em Dionísio, pois com ele tudo é afirmado. Nesse sentido, o trágico pode ser afirmado porque não se encontra na angústia nem em algo faltoso; ele reside somente na multiplicidade. A tragédia se torna, portanto, uma forma estética da alegria, não mais como solução moral da dor, como era tida pelos antigos. O que Nietzsche faz é compreender a tragédia de outro modo, como alegria, afirmá-la, e não como garantia moralizante. Isso nos remete a uma certa forma de compreender a existência, de maneira trágica, na qual ela é justificada pela afirmação, inclusive o sofrimento. Ao invés de utilizar o sofrimento como um meio de provar como a existência é injusta, o filósofo propõe dar à irresponsabilidade um sentido positivo, e com Dionísio a inocência da pluralidade e do devir são realizadas. Ao criticar a maneira

incessante de procurarmos responsáveis pelo sofrimento da existência, Nietzsche recorre à inocência para atribuir a veracidade do múltiplo.

A figura emblemática afinada para a superação do niilismo nietzscheano é o lance dos dados. O verdadeiro jogador faz do acaso um objeto de afirmação: a necessidade se afirma com o acaso no mesmo sentido em que o ser se afirma no devir e o um no múltiplo. Desta afirmação surge o número necessário que conduz ao relançamento dos dados, o único número do acaso. É ele a necessidade. A seguir, a próxima figura que se apresenta é o Eterno Retorno: é o resultado do lance de dados. Retornar é o ser do devir; o uno do múltiplo; a necessidade do acaso. Assim é preciso evitar que o eterno retorno seja um Retorno do Mesmo. Aqui, não é o mesmo que volta, já que voltar é a forma original do Mesmo, que apenas se diz do diverso, do múltiplo, do devir; *o Mesmo não volta, é o voltar apenas que é o Mesmo daquilo que devém.*

Eterno retorno pelo viés Araweté

Consideramos que seja possível estabelecer uma conexão entre o eterno retorno e a questão da morte para os Araweté, traçando uma linha reflexiva entre conceitos deleuzianos e o problema da morte. Como visto, na leitura de Deleuze sobre o eterno retorno de Nietzsche, a diferença é a potência primeira que surge ao acaso do encontro entre forças como diferença intensiva, determinando forças ativas e reativas. Sem identidades previamente estabelecidas, cada retorno é uma nova contingência que pressupõe o esfarelamento da identidade, a dissolução de todo sujeito⁴. A identidade não retorna, o que retorna é o fluxo das diferenças intensivas que atuam clandestinamente. O retornar é a criação do novo a partir das diferenças que avançam ao limite de sua potência, verdadeira força de metamorfose que expulsa de seu movimento toda identidade. Tanto o idêntico quanto o semelhante correspondem ao mundo empírico das coisas, onde se encontra todo o universo transcendental das diferenças intensivas e, por isso, jamais retornam. Não retornam porque tanto o idêntico quanto o semelhante são escassos de potência transformatória, pois neles toda intensidade está aniquilada na superfície. Antes de tudo, é preciso que essa superfície seja dissolvida, segmentada, para que seja possível liberar as intensidades para que as diferenças intensivas afirmem o acaso de cada encontro. Dessa forma, o eterno retorno seleciona a diferença como aquilo que retorna porque arranca de sua potência suas últimas consequências. O negativo, o idêntico e o semelhante não retornam pois neles a intensividade da diferença se encontra aniquilada. É preciso primeiro despedaçar as coisas, diluir as identidades para então liberar as intensidades que a constituem. Por isso o eterno retorno é intensivo. Ele é a “reedição infinita da diversidade sensível num grande círculo do mesmo” (FORNAZARI, 2006, p. 29). O retorno da diferença delinea a produção do novo a partir da afirmação do acaso que vem reformado dos encontros furtivos e dos desdobramentos de uma multiplicidade intensiva. O eterno retorno não diz nada sobre identidade, ele é a repetição da diferença, é a diferença

⁴ Tanto o idêntico quanto o semelhante correspondem ao mundo empírico das coisas, onde se encontra todo o universo transcendental das diferenças intensivas e, por isso, jamais retornam. Não retornam porque tanto o idêntico quanto o semelhante são escassos de potência transformatória, pois neles toda intensidade está aniquilada na superfície. Ver FORNAZARI, 2006.

que repete, que retorna sempre. Tudo ter um retorno nos apresenta ao mundo do devir, aquilo que não pôde começar e que não pode acabar de tornar-se. O próprio fato de retornar, de estar sempre voltando é que é o Ser afirmado no devir. Retornar é o Um, o Ser afirmado do múltiplo. Tal leitura de Deleuze confere um novo sentido ao Eterno Retorno de Nietzsche.

Seguindo essa linha da interpretação deleuziana do eterno retorno de Nietzsche, onde o ser do devir é o próprio retornar, é possível conectar conceitos e pensar sobre a questão dos mortos nos Araweté. Estes, reaparecem nos cantos de xamã sempre marcados pela impermanência, ou seja, a brevidade de sua passagem é posicionada na fala do xamã que atua como um rádio transmitindo a fala de um deus (um morto). Quando alguém morre, seus ossos e seus nomes não perduram. Os primeiros se dissolvem na terra (os ossos não possuem memória⁵), e o segundo cai logo no esquecimento dos vivos. Os vivos se realizam, assim, com a presença da morte, pois é através dela que é possível se tornar aquilo que desejam ser. O que não quer dizer que exista um desejo de morrer entre os Araweté. Pelo contrário, se lamenta essa condição. Entretanto, o que é importante notar aqui é que a morte é afirmada, há nela uma positividade, e isso não implica uma negatividade da vida, mas sim uma afirmação de ambas. Através dos deuses e dos mortos que se conhece melhor os vivos. Mediante a morte é possível garantir uma continuidade entre a terra e o céu, entre os vivos e os deuses; a morte efetiva o entrelaçamento entre Eu-Outro. É esse acontecimento que move a sociedade e a Pessoa Araweté. A sociedade Araweté é apenas inteira enquanto cosmologia, pois ela não é feita somente de seres humanos, mas de deuses também (Viveiros de Castro, 1986: 609). Seu princípio metafísico demonstra que o Ser só se realiza na sua exterioridade, em última análise, nesse complexo dualismo entre metade terrestre, *bide*, e celeste, *Mai*.

Assim, é nesse processo de transformação do morto em deus que mais se compreende a Pessoa Araweté. Entendida como devir, eterno tornar-se, a Pessoa pressupõe o morto, o retorno da diferença enquanto deus, isto é, o devir afirmado na diferença. O que retorna nos Araweté são os mortos, mas retornam como outros, como deuses. O morto transformado em deus afirma aquilo que a Pessoa irá se tornar, ou seja, a morte, inevitável à vida, afirma o futuro Araweté: transformar-se em divindade.

3 | O CASO ARAWETÉ

A pessoa: entre outros, vive-se intervalo

A pessoa Araweté não propriamente existe: enquanto devir, ela não é; enquanto relação móvel entre termos, ela é um 'entre' (um entre dois), não um ente. (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 118)

A princípio, é importante ressaltar dois aspectos da cosmologia Araweté para entendê-

⁵ Após a carne dos mortos ser comida pelos *Mai hete*, seus ossos são recompostos pela divindade *Tiwawi* e as almas são ressuscitadas. "Transformar-se em divindade, é esquecer". Ver VIVEIROS DE CASTRO, 1986, pp. 238, 519, 524.

la: o primeiro deles é a separação entre homens/deuses, Araweté/inimigos; e o segundo está na dinâmica que fornece consistência a essa cosmologia, o devir. O primeiro aspecto é notado ao analisarmos o mito de origem desse povo que revela uma separação de mundos e de seres criando uma nova relação entre eles; e o segundo, na construção de Pessoa. De acordo com o mito de origem Araweté, no início dos Tempos, os deuses e os humanos compartilhavam o mesmo plano, mas por conta de um insulto que a divindade *Aranãmi* ouviu de sua esposa, houve uma divisão de mundo que foi responsável por originar um mundo subterrâneo e mais dois planos celestes. Assim, os *bïde* (humanos) foram “abandonados” pelos *Mai* (divindades), e enquanto os *bïde* passaram a habitar a terra junto com os *awí* (inimigos, outros povos indígenas e o homem branco), os *Mai* e outros espíritos foram para o céu. É a partir desse traço do mito de origem que se torna viável pensar a noção de perspectiva que acabará por inaugurar o conceito de perspectivismo⁶ apresentado pelo autor anos depois. A fim de compreender cosmologias baseadas em um tempo mítico onde todos os seres habitavam o mesmo plano e, por algum acontecimento catastrófico, foram separados fornecendo, por sua vez, diferentes pontos de vista, o perspectivismo foi elaborado. A divisão ontológica que separa homens de deuses e Araweté de inimigos indica uma separação mais ampla entre Eu/Outro, nunca enquanto opostos, mas como afins⁷. A separação entre os seres narrada no mito provoca uma nova maneira de se relacionarem entre si, alocando os humanos Araweté *entre outros*, entre aqueles que se constituem enquanto futuro, enquanto devir, elemento indispensável para compreendermos o fluxo constante no qual a Pessoa Araweté se constrói. Se a relação entre céu/terra, deuses/humanos presente nos Araweté nos leve logo a pensar em uma relação de oposição, é importante ressaltar que na lógica do devir não é isso o que ocorre. Embora a noção de devir não elimina a ideia de oposição, ela se contrapõe sobretudo à concepção de oposição estruturante. Como mencionado anteriormente, canibalismo, morte e construção da pessoa são os principais temas por onde um devir atravessa essas relações; a pessoa se realiza na morte e por meio desta que o canibalismo é imprescindível para o “tornar-se outro” através do retorno como um deus.

Mortos e deuses

Em *Araweté: os deuses canibais*, Eduardo Viveiros de Castro dá ênfase ao conjunto de complexas relações que intermediam os humanos e os espíritos, centrando na morte, o lugar onde a pessoa se realiza. A pessoa Araweté, ou *bïde*, é algo entre dois: o morto

6 Ao longo de sua tese, Viveiros de Castro articula certas noções de perspectivismo a partir de análises e reflexões sobre a construção da pessoa tupi-guarani e como esta se insere no mundo. Em resumo, o perspectivismo introduz noções a respeito da maneira em que humanos, animais e espíritos vêem a si mesmos e os outros a partir da ideia de “ponto de vista” ou “perspectiva”. Essa noção está associada à ideia de que há um traço comum universal que seria a condição humana, o que é transformável é o corpo, essa roupagem que se usa para esconder a forma interior humana. Entre os Araweté, seu perspectivismo é intra-humano, pois o que se coloca em jogo é o ponto de vista do inimigo. É importante ressaltar que os múltiplos pontos de vista existentes no perspectivismo sugerem que todos os seres refletem o mundo da mesma forma – sob a *condição* humana e não sob a *espécie* humana, o que muda é a perspectiva, isto é, de onde esse olhar é lançado no mundo. Ver mais em VIVEIROS DE CASTRO, 1996.

7 Ver mais sobre a análise da afinidade investigada em seus pormenores em VIVEIROS DE CASTRO, 1986, capítulo V, subcapítulo 4.

que foi, o deus que será. Seu Ser é produto desta dupla alteridade que se efetua com o canibalismo. Por isso os deuses devoram os mortos: para que os Araweté existam. A morte entre os Araweté faz com que a pessoa seja dividida em uma espécie de espectro vital (*i*) terrestre relacionada ao corpo e aos espíritos *Añi* e em um *i* celeste que se relaciona aos *Mai*. A *i* do morto visita o mundo dos vivos diversas vezes, rondando parentes até a total decomposição do corpo. Ao entrar no céu, em um ato de canibalismo, a alma é devorada pelos deuses e ao ser ressuscitada após um banho fervente retorna ao frescor da jovialidade e se transforma em uma divindade. No céu, o morto é tido como o estrangeiro, o inimigo, o Outro. É como se os deuses fossem “nós” e os humanos o inimigo (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 519). Um morto é feio e cheira mal e no céu ele é recebido com raiva pelos deuses justamente pelo fato de estar morto. Por ter sido afastado dos vivos um morto insiste em não aceitar sua nova condição. Além de sentirem raiva *das* almas por serem podres, os deuses também sentem raiva *pelas* almas e as desejam muito. Para resolver esse desejo ambíguo, as almas são, portanto, mortas e devoradas pelos *Mai hete* (deuses verdadeiros), divindade mais importante entre os *Mai*. O autor nota que “a necessidade do canibalismo divino reside justamente no fato de que o apodrecimento não é suficiente para a transfiguração da Pessoa” (1986, p. 523), pois mesmo com o cadáver em decomposição, o morto ainda persegue os vivos sugando a *i* desses. Cabe ao xamã convencer a alma de que ela é, respectivamente, um *Mai da'i* (deus macho) ou uma *Mai daiyi* (deus fêmea), que sua vida agora é outra e, por isso, deve abrir mão de seus parentes vivos. Segundo os Araweté, somente após a transformação das almas em divindade é que estas se acalmam; suas novas relações *apihi-pihã*⁸, os perfumes divinos, enfim, a alegria celeste as fazem esquecer da terra: *transformar-se em divindade, é esquecer*. Entretanto, nada é tão simples como parece. Nem os mortos esquecem tão rapidamente os vivos nem estes querem romper imediatamente os vínculos com aqueles. Por anos o xamã traz à terra os mortos para que possam ver, visitar e participar de algumas atividades dos vivos, até que suas visitas se tornem cada vez menos frequentes e cessem por completo. Agora sim os mortos são esquecidos: quando os vivos os esquecem. No período mítico, as pessoas subiam ao céu sem passar pelos procedimentos da morte, mas os *Mai*, que são os verdadeiros Outros, as abandonaram nessa época e as criaram por exclusão nessa condição humana que *morre*⁹. Para os Araweté, tal possibilidade que era tangível nesse tempo mítico, se torna possível hoje quando se é devorado pelos deuses, ressuscitando de outra forma que não a de cadáver, próprio da morte. Nesse sentido, os mortos são fundamentais para os vivos e o canibalismo dos deuses não serve somente para certificar os mortos de que eles estão bem e precisam esquecer os vivos. É mais que isso: é através dos mortos que os vivos mantêm suas relações com os deuses, são como uma “ponte” que não apenas torna os Ausentes, isto é, os *Mai*, presentes, mas os coloca *em*

8 Tipo de relação mais valorizada entre os Araweté, na qual dois casais compartilham seus companheiros sexualmente, passam longos períodos juntos na caça e são parceiros obrigatórios nas danças durante as *cauinagens* (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 273).

9 O ideal tupi se caracteriza em atingir outro mundo sem passar pelos caminhos tenebrosos, como bem lembra Hélène Clastres “chegar à terra sem mal, sem perder a sua natureza, sua forma humana: ereto, em postura vertical. Sem sofrer, portanto, a prova da morte” (*Terra sem mal* [1978], p. 89).

Os Araweté se declaram, segundo Viveiros de Castro, enfaticamente não praticantes do canibalismo; para eles, jamais se comeu um inimigo. Pouco importa, contudo, já que a crença tradicional dos Araweté engloba um canibalismo real, produtor da imortalidade e da eterna juventude dos canibais celestes. Apesar de não ser um assunto do qual os Araweté se sintam confortáveis em falar, o que não se pode negar é que seus deuses são de fato canibais. O canibalismo divino Araweté serve para ressaltar a figura do Inimigo-Outro. Os mortos são devorados por recusarem a se relacionar com os deuses, e enquanto gente, eles são inimigos dos *Maĩ*. Diante de gente, os deuses são canibais porque são inimigos. Tal canibalismo surge então como condição de aliança entre os vivos e os deuses, através da transformação dos mortos em *Maĩ*. Distante de uma lógica dialética de dupla negação como possuem os Jê (“eu sou aquilo que o que eu não sou não é”)¹⁰, os Tupi-Guarani revelam uma espécie de “fuga” dessa dialética. Devorar o inimigo se caracteriza como uma singularidade Tupi-Guarani, uma “máquina de devir-Outro” (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 619). Nesse sentido, comer o outro serve exatamente para impedir que uma imagem identitária seja devolvida, desmanchando a representação e efetuando a passagem para a alteridade para tornar-se Inimigo.

Desse modo, devorar o inimigo não é tornar-se inimigo, identificar-se com ele ou tomar para si suas qualidades; é, sobretudo, estender-se enquanto alteridade de Inimigo. Essa passagem para a alteridade se cumpre com o canibalismo celeste, isto é, ao chegar no céu depois de morrer, é-se devorado pelos deuses. Entretanto, o que se come, na verdade, é uma posição; a posição de Inimigo e não sua substância. O tema da morte entre os Araweté é centrado em duas escatologias que possuem percepções distintas: a dos xamãs e a dos guerreiros. Isso fica claro nos cantos de matador e de xamã: a “música dos deuses” é cantada pelos xamãs e a “música dos inimigos” pelos guerreiros. Enquanto o canto xamanístico demonstra que o Outro é quem fala, o xamã é como se fosse um veículo, um “rádio” que mantém contato entre os dois mundos, ele exerce o papel de interlocutor com o além, pois o xamã nada incorpora. Esse canto envolve a posição dos *Maĩ*, do morto e do xamã: “o xamã canta algo dito pelos *Maĩ*, citado pelo morto, referente a ele (xamã)... Quem fala, assim, são os três: *Maĩ*, morto e xamã, um dentro do outro”¹⁰ (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 549). Os mortos são, portanto, essa superfície de contato entre os mundos e fazem essa renúncia à vida apenas para que os vivos contemplem, através do canto do xamã, a perspectiva desses deuses que é, por sua vez, a *origem e destino dos humanos*.

Enquanto os xamãs cantam os deuses e os mortos do grupo “em cascata”, através

¹⁰ Manuela Carneiro da Cunha sustenta que, entre os Krahô, os mortos servem para afirmar os vivos, pois “o pensamento krahô parece proceder [] por complementaridades, por negações; eu sou aquilo que o que eu não sou não é. Os inimigos, os afins, os amigos formais, são tantas formas que reveste o outro para que se estabeleça o eu. E este eu é ser-se vivo, ser-se Krahô, ser-se de certo segmento residencial, ostentar-se um certo nome.” (1978, p. 145). A autora distingue aqui a Pessoa Krahô tanto da “identidade biológica” quanto da “identidade social” (o clássico dualismo Jê indivíduo/personagem), questionando se ela não estaria “entre esses dois polos” (p.37). No entanto, o que se vê é que esse “entre” não corresponde à mesma natureza que “a intercalabilidade vazia e tensa da Pessoa Tupi-Guarani; pois parece que não há como pensar a Pessoa Jê senão nos termos de uma problemática da Identidade.” (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 120).

¹⁰ Ver “O Canto da Castanheira” como exemplo de “música dos deuses” em VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 550.

da sobreposição de vozes, os guerreiros cantam em primeira pessoa, do ponto de vista do inimigo, como se o próprio inimigo – aquele que morreu – estivesse cantando; quem canta aqui é o Outro: “A música dos inimigos é um canto do inimigo, cantado pelo matador” (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 582). É importante lembrar aqui que os guerreiros não são devorados pelos deuses quando chegam ao céu, são privilegiados quando lá chegam. O guerreiro se transforma em *Iraparadi*, Araweté-Inimigo-Imortal, e isso ocorre porque quando um Araweté mata um inimigo ele também morre: seu próprio cadáver é ao mesmo tempo o do inimigo morto. É o inimigo morto que desperta o matador e o “ensina” o canto. Nos versos do canto, é possível ouvir o inimigo citar o nome de um Araweté morto e, em seguida, do seu matador pela boca do próprio matador. O inimigo enuncia seu ponto de vista através de daquele que o assassinou, e assim, a palavra do matador se entrelaça com a da vítima. Essa proximidade entre matador e inimigo morto implica um movimento de alteração, um devir-outro do guerreiro. É como se houvesse uma traição à sociedade, pois o espírito do morto jamais deixa seu matador, tornando-se, assim, inimigo.

Com suas raízes tupi, o pensamento Araweté possui uma espécie de canibalismo: o dos deuses. Nesse complexo conjunto de relações que intermedia os humanos e os espíritos centrado na morte é onde a pessoa Araweté se realiza. Sendo algo entre dois - o morto que foi, o deus que será - seu Ser se estabelece como produto dessa dupla alteridade que se efetiva com o canibalismo. O morto no céu é tido como o estrangeiro, o inimigo, o Outro. É como se os deuses fossem “nós” e os humanos o inimigo. Se de acordo com Viveiros de Castro, a prática canibal ocorre no interior de uma filosofia do devir com seus sujeitos e hábitos, comer o outro é impedir a construção de uma identidade, impedir que o outro devolva uma imagem identitária. Devorar o inimigo não é tornar-se inimigo, se identificar com ele ou tomar para si suas qualidades, mas é, sobretudo, estender-se enquanto alteridade de Inimigo. Essa passagem para a alteridade se cumpre com o canibalismo quando alguém morre: devir-morto, devir-animal, devir-Inimigo. Por isso os deuses devoram os mortos: para que os Araweté existam. A metafísica canibal é uma metafísica que tem como ponto crucial a diferença e sua produção, as sínteses disjuntivas que nela se criam e se proliferam. A insubmissão do Devir ao Ser coloca essa sociedade e seus hábitos para além da representatividade, da relação de oposição e da metáfora, passando antes pelo Real que a separação entre realidade e representação ocorra.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita aqui pretendeu refletir sobre como conceitos filosóficos são capazes de operar em outras realidades atuando, portanto, como um *conceito etnográfico*. Essa afirmação não pressupõe a ideia de que os Araweté entendem a morte a partir da perspectiva do eterno retorno, mas sim de que forma tal conceito se conecta com as realidades observadas no campo etnográfico. Ressalto ainda que, de modo análogo, o motivo pelo qual Eduardo Viveiros de Castro optou (em uma nota de rodapé) pela inserção do conceito de devir foi devido à necessidade dos próprios dados etnográficos e apontou para uma compreensão

da cosmologia Araweté. O autor articulou minuciosamente a relação entre sociologia e cosmologia nos Araweté, analisando de que maneira a categoria de Pessoa, constituída pela não-identidade, pelo Devir e a morte, entra na formação desse universo. Os Araweté não são senão na relação com o Outro, caracterizando uma transformação dos Tupi-Guarani. O antropólogo situa os Araweté entre os Tupinambá e os Guarani: eles fazem a transição entre esses dois povos. Seus deuses são canibais, assim como o eram os Tupinambá, ao passo que visam um devir-deus, assim como os Guarani. Tal condição manifesta que entre os Tupi o lugar da exterioridade é Outro, a diferença é diferente. Para os Araweté, o Eu só se faz no Outro, sua noção de pessoa é constituída a partir da alteridade; por isso, comer o inimigo, o Outro, constitui a construção de Pessoa Araweté. Assim, a análise do conceito de devir na obra permitiu pensar que o movimento pelo qual uma pessoa Araweté passa quando morre e se transforma em divindade pode ser lido através da dinâmica do eterno retorno deleuziano.

É a partir dos processos envolvidos em torno da morte da pessoa Araweté que se pode conhecer melhor os vivos. O eterno retorno entre os Araweté se expressa no retorno de um morto em um deus, retornando como um *outro*. Assim como no eterno retorno proposto por Deleuze, aqui é a diferença que retorna. Ao morrer, a alma de um Araweté vai para o céu e é devorada pelos deuses *Mai*, seu corpo é jogado em um banho fervente e, após isso, é ressuscitada e transformada também em um *Mai*. É através da morte e dos deuses que se compreende a posição da pessoa Araweté, pois tornar-se um deus revela sua aspiração. Esse processo de transformação do morto em deus informa a posição da pessoa que se encontra como um eterno tornar-se. Entre os Araweté, o que retorna são os mortos, porém retornam como outros, como deuses. A morte afirma aquilo que a Pessoa irá se tornar, uma divindade.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela.

1978. *Os Mortos e os Outros: Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahô*. São Paulo: Editora Hucitec.

DELEUZE, Gilles.

[1962] 1976. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF por Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Editora Rio.

[1965] 2007. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. *Presses Universitaires de France*. Lisboa: Edições 70.

[1968] 2018. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Paz & Terra.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.

2012. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

2010. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire.

[1977] 1998. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.

FORNAZARI, Sandro Kobol.

2006. “A diferença e o eterno retorno”. in *Cadernos Nietzsche* 20, pp. 19-32. Disponível em <http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN020.19-32.pdf>. Acessado em Jan/ 2020.

SOUZA, Marcela Coelho de; FAUSTO, Carlos.

2004. “Reconquistando o campo perdido: o que Lévi-Strauss deve aos ameríndios” In. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol. 47, no. 1, pp. 87-131. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a03v47n1.pdf>. Acessado em Jan/2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo.

1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

1996. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio” In. *Mana*, vol. 2, no. 2, pp. 115-144. Rio de Janeiro.

2007. “Filiação intensiva e Aliança demoníaca”. in *Novos Estudos* 77, pp. 91-126. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a06n77.pdf>. Acessado em Jan/2020.

2015. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Cosac Naify/ n-1 Edições.

2017. *Araweté: um povo tupi na Amazônia*. São Paulo: Editora Sesc.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Annales 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Antropologia 29, 46, 61, 76, 77, 83, 85, 112, 119, 120, 124, 133, 134, 136, 137, 143, 153, 160, 163, 166, 196

Araweté 11, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

C

Camelôs 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25

Cidadania 69, 100, 102, 103, 104, 110, 121, 127, 130, 184

Ciência 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 100, 113, 118, 154, 157, 158, 163, 165, 180

Complementaridades 26, 36, 150

Comunidade 1, 3, 5, 10, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 73, 74, 75, 101, 118, 125, 126, 130, 133, 210, 217

Conflitos 4, 19, 45, 47, 48, 51, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 93, 113, 132, 154, 217

Conhecimentos 9, 1, 2, 10, 26, 29, 30, 48, 52, 53, 91, 123, 126, 131, 137, 163, 173, 210

Crônica 88, 89, 90, 98, 191

D

Deleuze 143, 145, 146, 147, 152

Democratização 100, 104

Desenvolvimento 3, 6, 9, 17, 29, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 65, 70, 92, 93, 105, 108, 109, 110, 114, 118, 123, 126, 127, 133, 171, 184, 191, 208, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 223, 224

Diálogo 9, 26, 29, 30, 43, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 95, 103, 108, 109, 113, 127

Dicotomias 26, 33, 38, 41

E

Economia Solidária 1, 5, 6, 8, 130

Educação 45, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 130, 131, 134, 175, 207, 212, 227

Elementos 1, 3, 7, 8, 14, 15, 18, 19, 34, 36, 37, 46, 57, 66, 74, 82, 91, 92, 101, 112, 115, 124, 130, 161, 165, 166, 170, 198, 216

Etnocentrismo 71, 80

Extensão universitária 1, 6, 7, 9

F

Feira de Santana 13, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25

H

Habilidades 61, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 210, 220

I

Identidade 58, 75, 86, 111, 119, 120, 150

M

Mediação 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 162

Memória 4, 35, 56, 72, 123, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Missão francesa 71, 79, 80, 81, 82, 87

Mulher 54, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 185, 191

N

Nação 71, 72, 73, 74, 75, 159, 164, 176, 184, 204

Nobreza 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

O

Ossos Pélvicos 137

P

Pesquisa-ação 1, 2, 5, 104

Podcast 100, 104, 106, 110

Políticas públicas 56, 66, 121, 123, 126, 127, 128, 132, 133, 135

Povos indígenas 47, 57, 111, 112, 118, 148

Q

Quilombola 118, 119, 121, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134

R

Região 5, 17, 20, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 78, 82, 98, 130, 132, 136, 195

Rei 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 162

S

Sexo 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 168, 185, 186

Sistemas complexos 26, 27, 37, 40, 42, 114

T

Terra 47, 48, 50, 51, 52, 55, 66, 80, 81, 97, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 134, 147, 148, 149, 179, 180, 181, 183

Territorialidades 13, 14, 15, 56, 57

Trabalho 9, 12, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 47, 48, 50, 53, 54, 57, 61, 62, 66, 82, 83, 91, 102, 108, 119, 121, 123, 124, 125, 132, 134, 144, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 201, 205, 208, 210, 216, 219, 221, 224

U

USP 25, 44, 57, 71, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 153

V

Viabilidade 8, 59, 63, 66, 70

Vídeo 100, 104, 106, 107, 108, 109

Violência 51, 117, 123, 167, 168, 169, 167, 170, 171, 173, 174, 175, 184, 185

Viveiros de Castro 143, 144, 147, 148, 150, 151

 **Atena**
Publisher
2 0 2 0